

Papa pede perdão aos povos indígenas

SÃO DOMINGOS — O Papa João Paulo II pediu ontem perdão pelas condições sócio-econômicas em que vivem atualmente os povos indígenas e os pobres da América. Ontem, em São Domingos, capital da República Dominicana, o Papa rezou uma missa em comemoração do quinto centenário do descobrimento.

Durante a cerimônia, realizada no Farol de Colombo, o Papa disse que era o momento propício para pedir perdão às culturas aborígenes pelo doloroso quadro de pobreza e abandono em que vivem.

— A consciência da dor e das injustiças infligidas a tantos irmãos se traduz para os cristãos latino-americanos no compromisso de criar condições de vida individual, familiar e social que permitam um desenvolvimento integral e justo para todos, particularmente para os mais necessitados — disse.

A integração mundial também não foi esquecida no discurso do Papa. Diante de cerca de 50 mil pessoas, ele propôs a criação de um projeto econômico latino-americano para que todo o continente possa se integrar melhor ao resto do mundo.

O Papa, em um improviso, rezou ainda pelas almas e famílias de duas pessoas mortas no mês passado em protestos contra as comemorações dos 500 anos e contra a construção do Farol de Colombo.

Ontem, véspera das celebrações, os protestos se espalharam pelo mundo. Em Gênova, na Itália, cerca de 20 mil militantes pacifistas participaram da Marcha Nacional pela Paz e pela Convivência, sob o lema: "1492-1992, conquistas nunca mais".

Em Bogotá, na Colômbia, choques entre policiais e multidões de índios resultaram em 20 pessoas feridas. Em Cuzco, no Peru, cerca de 40 mil camponeses fizeram um minuto de silêncio em homenagem aos heróis da resistência andina.

A polícia boliviana, por sua vez, está em estado de alerta máximo para evitar desordens hoje, quando milhares de camponeses se organizarão em atos de protesto contra as comemorações pela chegada dos espanhóis na América. A manifestações estão programadas para várias cidades, sob coordenação da Central Sindical dos Camponeses da Bolívia.

Já o cacique vitalício da Associação Nacional dos Indígenas Salvadorenses, Adrian Lixco, pediu que o presidente Alfredo Cristiani não compareça a uma recepção que a embaixada da Espanha oferece hoje em comemoração ao Descobrimento.

Dominicanos protestam contra o Farol de Colombo

Para uns, obra foi cara; para outros, dá azar

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

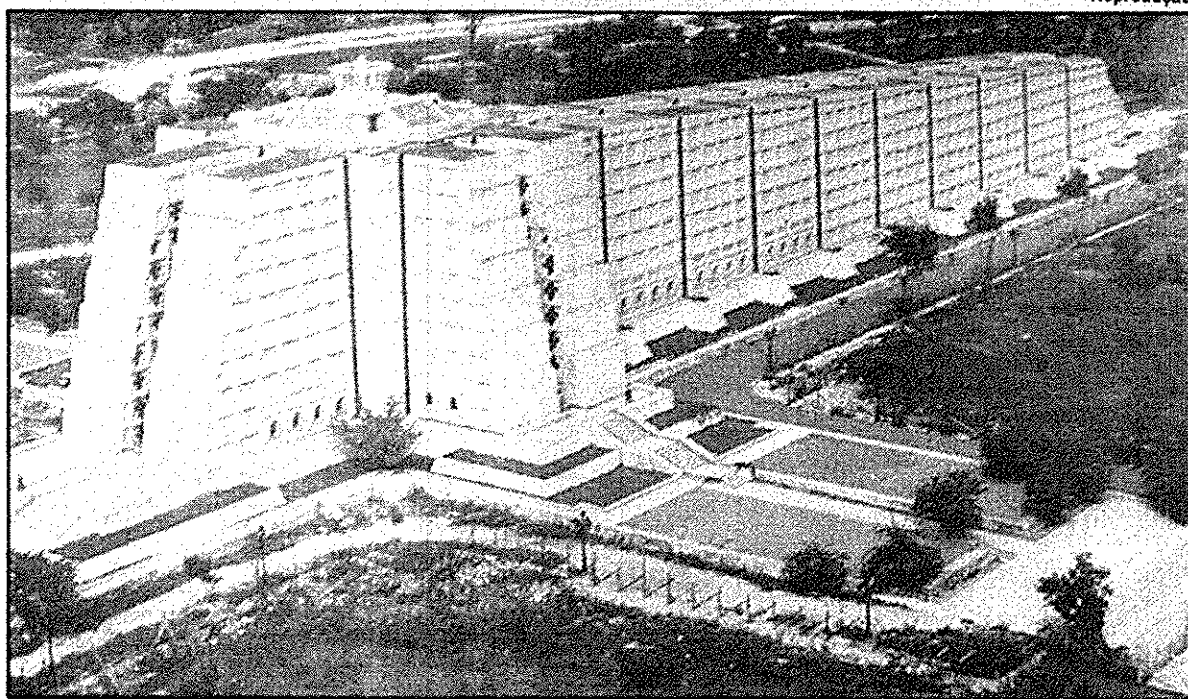
WASHINGTON — Ninguém na República Dominicana se refere a Cristóvão Colombo pelo nome. Supersticiosos, os dominicanos dizem que dá azar. O homem que há 500 anos descobriu a América, no país que serviu de ponto de partida para a colonização do Novo Mundo, é evocado apenas como "o almirante" ou "o descobridor".

Essa é uma das razões dos protestos realizados no país nos últimos dias. E a maior fonte de irritação é o Farol de Colombo, obra faraônica inaugurada terça-feira, que o Governo diz estar para os dominicanos assim como a Torre Eiffel para os franceses, ou a Estátua da Liberdade para os americanos.

Para muita gente, porém, a obra é um grande fucú — um termo nativo que significa algo que traz muito azar. A expectativa de muitos é que mais dia menos dia o farol atraia uma catástrofe sobre a República Dominicana. Para outros, menos supersticiosos, trata-se de nada mais do que um monumento ao absurdo.

Todas as vezes em que o farol foi ligado, na fase de testes, metade de São Domingos ficou sem luz por horas. Em outras ocasiões o blecaute atingiu várias cidades. O monumento é um mausoléu cinza, de concreto, com a altura de um edifício de dez andares. Tem 250 metros de comprimento e a forma de um crucifixo. É o primeiro farol horizontal do mundo. No teto há 149 canhões de laser que, com 30 bilhões de watts, projetam no céu uma cruz.

Há quem compare o efeito ao sinal do morcego, projetado nos céus de Gotham City para alertar Batman sempre que a cidade precisa de sua ajuda. Numa época em que os navegadores já não necessitam de referências desse tipo para navegar, a luz do Farol de Colombo chega a ser vista inutilmente desde Porto Rico, a 320 quilômetros de distância. Outra iro-



O monumental Farol de Colombo, em São Domingos, com 250 metros de comprimento e 149 canhões de 'laser'



A cruz projetada no céu pelo farol

nia: o presidente Joaquín Balaguer, que o construiu, não pode vê-lo, pois é cego.

O mausoléu foi construído para comemorar o quinto centenário, e, ao mesmo tempo, abrigar os restos de Colombo. A obra foi iniciada seis anos atrás pelo caudilho de 85 anos — que foi braço-direito do General Rafael Trujillo, ditador que ficou três décadas no poder até ser assassinado nos anos 60.

Projeto original foi criado em 1931

WASHINGTON — O projeto do Farol de Colombo data da década de 30. Eleito em 1986 (e reeleito em 1990), o presidente Joaquín Balaguer resolveu finalmente retirá-lo da gaveta.

Em 1931, um concurso internacional atraiu 750 artistas de todo o mundo, e foi vencido pelo arquiteto inglês J.L. Gleave. O desenho, no entanto, ficou na gaveta até se transformar numa obsessão para Balaguer — um político que nas horas vagas se dedica à poesia. Temeiro de que os 25 livros que escreveu não fiquem para a posteridade, ele viu na construção do farol a possibilidade de seu nome ser lembrado pelas futuras gerações.

Balaguer tinha grandes planos para inaugurar o farol, que ele considera "a oitava maravilha do Mundo". Mas acabou frustrado. Ele pretendia apertar o botão, acionando as lâmpadas, tendo de um lado o rei da Espanha e de outro o Papa João Paulo II.

Os preparativos naufragaram por algo que os dominicanos atribuem aos maus fluidos do fucú. O rei e o Papa desistiram de comparecer à solenidade de inauguração, ao receberem notícias das manifestações de protesto que explodiram semanas atrás nas ruas dessa capital que, há exatamente 500

anos, foi a primeira cidade colonial no Novo Mundo.

Para completar o quadro, o próprio Balaguer não pôde estar na inauguração. Na véspera, morreu sua irmã Emma, de 73 anos, com quem ele vivia, e que figurava como primeira dama do país, pelo fato de Balaguer ser solteiro. Ela teve um colapso logo depois de visitar o farol, reforçando assim a superstição.

Outro grande motivo para o repúdio ao farol é que o povo pagou caro pela obra. O custo permaneceu como um segredo de estado até dias atrás, quando o Governo disse que tinha gasto US\$ 12 milhões na obra. Opositores, porém, calculam seu valor entre US\$ 70 milhões e US\$ 100 milhões. Além disso, a área foi conseguida através da demolição de várias favelas: 50 mil pessoas perderam suas casas para dar lugar ao monumental túmulo de Colombo.

Sem ter para onde ir, essa gente acabou levantando barracos nas imediações do mausoléu. E para que não fossem vistas pelos turistas que Balaguer pretende atrair, o caudilho mandou construir ao redor do farol um muro de três quilômetros de comprimento e três metros de altura, já batizado de Muro da Vergonha. (J.M.P.)